

Mãe Viva

Director Interino: NUNO BARBOSA

SEMANARIO

ANO VI N.º 326 — PREÇO 9\$00 — 10/2/83

CARNAVAL EM ESPINHO

MÁSCARAS DO ANTIGAMENTE



Os «foliões» de outrora, lavós dos (menos) foliões de hoje.
Mudam-se os tempos...

«O Homem é completo quando brinca» disse alguém que, concerteza, não pensara especificamente em folias carnavalescas. Mas também essas perdem hoje terreno perante os cada vez mais sofisticados brinquedos produzidos em séries plastificadas, inspirados em guerras cósmicas ou em policiais moralistas em que o vilão está irremediavelmente perdido. Mesmo as máscaras, ontem fruto de uma criatividade mais ou menos ingénua, são hoje adquiridas a bom preço na forma de imaginação empacotada. Talvez por isso valha a pena recordar um pouco do carnaval de outros tempos; sem saudosismos mórbidos mas para dizer que, no fim de contas, vale a pena brincar.

Leia na página 5

LEIA NA
PÁGINA 3

Lar da
3.ª Idade:
concluída a
primeira fase

Carros da PSP
equipados
com Postos
de Rádio

Casa da Sagrada Família em S. Félix da Marinha

UMA OBRA INACABÁVEL

Em S. Félix da Marinha, no lugar de Além do Rio, junto à velha estrada Espinho-Porto, situa-se a Casa da Sagrada Família que pertence ao Instituto do Coração Doloroso de Maria totalmente consagrado à ajuda de todos aqueles que, pelas mais variadas razões e formas, foram marginalizados pela sociedade, especialmente crianças, mães solteiras e deficientes em vários graus. Este Instituto tem ainda três outras casas no Porto. Não há limite de idade para a aceitação de todos quantos, pelas mais diversas razões, desde a decisão do Tribunal de Menores até ao abandono e mau trato familiares, demandam esta casa. Aqui aceita-se desde o recém-nascido até ao adulto abandonado ou rejeitado. O único condicionamento é forçosamente imposto pelas instalações que não podem dar resposta a todos os casos que dia-a-dia surgem.

página 4

Moradores do Bairro dizem não a barracos

Leia na página 5

«GRANDE ENTREVISTA»

ARQ.º JERÓNIMO REIS



Um "bombeiro"
que acode
a todos
os fogos

Leia na última pág.

TOTO TESTE

(2)

1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			

A 5.ª série deste concurso a prosseguir, já na sua segunda edição. As perguntas desta série são ligeiramente diferentes (em estilo) das anteriores, o que torna a «competição» mais aliciante.

Continuem a concorrer.

2.ª EDIÇÃO — 5.ª SÉRIE

- Quantas sinfonias escreveu Brahams?
a) 5 b) 3 c) 4
- Quem foi o autor da tragédia «Castro»?
a) Bernardim Ribeiro b) António Ferreira
 c) Sá de Miranda
- Na final do Campeonato do Mundo de Futebol disputado em 1950, o Brasil foi derrotado pelo Uruguai. Qual foi o resultado do jogo?
a) 0-1 b) 0-2 c) 1-2
- Qual a capital do Lichtentein?
a) Schelenberg b) Vaduz c) Basel
- Qual o defesa direito do SCE que integrava a equipa que conquistou a Taça «Ribeiro dos Reis»?
a) Ribeirinho b) Silva c) Quim
- Qual foi o Rei de Espanha que abdicou em 1931?
a) Afonso XIII b) Afonso XII c) Fernando VII
- Quem compôs a música do filme «Lawrence da Arábia»?
a) Leonard Bernstein b) Maurice Jarre
 c) Frank Pourcel
- Qual o último título publicado por José Cardoso Pires?
a) O Anjo ancorado b) O Delfim
 c) Balada da Praia dos Cães
- Qual o rio que passa em Rangum?
a) Irrauadi b) Mecão c) Sequião
- Qual o realizador do filme «Matadouro 5»?
a) Stanley Kubrick b) Joseph Losey
 c) George Roy Hill
- Quem foi o Presidente de Itália antes de Sandro Pertini?
a) Giuseppe Saragat b) Giovanni Leone
 c) Amintore Fanfani
- Charles Chaplin morreu num dia muito especial. Qual?
a) 1/1 b) 31/12 c) 25/12
- Qual o nome próprio de Beethoven?
a) Ludwig b) Richard c) Wolfgang

PARA ESTA SÉRIE DE PERGUNTAS SERÃO ACEITES RESPOSTAS NA CHAVE QUE PUBLICAMOS E QUE SERÁ RECORTADA E COLADA NUM ENVELOPE DOS CTT, ATÉ 5.ª FEIRA, 17 DE FEVEREIRO, ENDEREÇADO A «MARÉ VIVA», APARTADO 43 — 4501 ESPINHO CODEX.

O vencedor desta edição, receberá uma fritadeira eléctrica, oferta de:

JOAQUIM ALBERTO PINTO DA ROCHA, LDA.
Electrodomésticos — Representante da PIONEER
Rua 31 n.º 469 - Tels. 720977 e 720325 - ESPINHO

CHAVE DAS RESPOSTAS DA SEMANA ANTERIOR
X2X 111 X1X 2XXX

TUCÁTULÁ

Neste número do «Maré Viva» os destaques principais vão para uma Grande Entrevista com o Arq.º Jerónimo Reis, figura bem conhecida da cidade. Como estamos em maré de Carnaval, aconselhamo-lo a ler um trabalho que publicamos sobre os «gloriosos» bailes de carnaval de outrora, em Espinho.

Na página três, para além do

já habitual «Retrato», poderá ainda ler breves notícias sobre o que de mais importante se passou na cidade. Os nossos correspondentes continuam a informar-nos do que de mais importante se passa nas suas freguesias; assim, neste número permitimo-nos destacar um trabalho de Joaquim Devesas, correspondente em S. Félix da Marinha, sobre um lar de

crianças sito no lugar de Além do Rio.

Finalmente, e é com prazer que dizemos isto, publicamos uma carta de um nosso leitor de Sales, onde são levantados alguns problemas daquela zona da cidade. Que esta carta leve outros leitores a tomar a mesma atitude, ou seja, a escrever-nos pondo qualquer tipo de problemas.

E é tudo. Esperemos que goste de mais este número. Fizemo-lo para si.

VENCEDORES DO TOTOTESTE

Como se costuma dizer, «já rola» a 5.ª série do nosso Concurso. Entretanto, hoje aqui estamos a anunciar os vencedores da 4.ª série que, aliás, foi muitíssimo disputada. Tivemos, nada mais nada menos, do que seis concorrentes totalistas pelo que se teve de proceder ao inevitável sorteio.

Assim, o primeiro prémio, um Cabaz de Compras no valor de 2.500\$00, oferta da Coopespinho, coube a MARIA TERESA MENESES. O 2.º prémio, um livro ou um disco, numa oferta do Centro Livreiro da Nascente, foi para Maria Vitória Carvalho. Como é habitual pedimos a estes leitores que entrem em contacto conosco, de modo a receberem os respectivos prémios.

Parabéns, e continuem a concorrer!

RASCUNHOS

Um livro com muitas e densas páginas é uma coisa que, à priori, me mete medo. Fazer-lhe a leitura é uma tarefa penosa e só um autor francamente bom me leva a chegar com relativa rapidez até ao fim. É que uma digestão cultural destas é assim a modos que uma digestão de uma valente almoçarada de cozido à portuguesa, cabrito assado, lombo de porco assado, tudo isto em quantidades industriais. Fica-se como uma gibóia.

O livro pequeno, esse, não, lê-se quase de uma assentada, com um interesse bastante intenso e a última página aparece de sopetão, cedo de mais até, deixando-nos um prazer forte mas não completo. É como comer cem gramas de camarão, que é piteu de bolsas bem recheadas.

Do mesmo modo os jornais, embora em via reduzida como a do saudoso Vouguinha-que-Deus-tenha, me são imediatamente mais ou menos atraentes

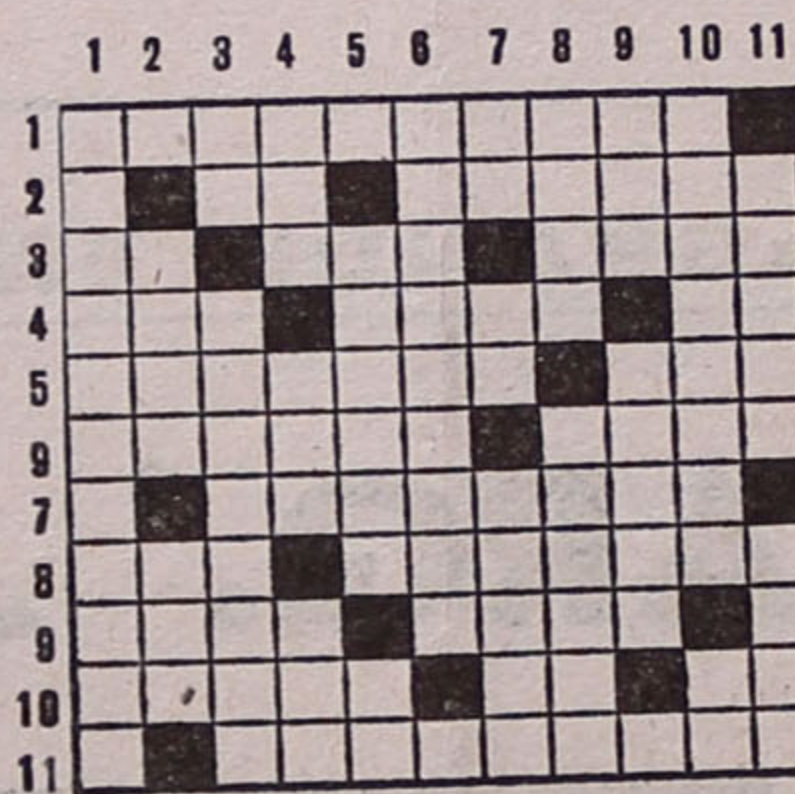
consoante os volumes da prosa. É preciso que eu tenha mesmo muito interesse numa determinada coluna para nela gastar os olhos se é densa, comprida, espessa. Prefiro, francamente, as nótulas ligeiras, as mais das vezes dizendo mais em meia dúzia de linhas que um imponente artigo de várias colunas completas.

Nos que escrevem há os que preenchem folhas e folhas de papel e os que se ficam quase que pelos cartões de visita. O que dá qualidade e interesse não pode medir-se pelo número de letras mas pela qualidade dos conceitos. Num artigo grande o autor por vezes perde-se em considerações e o leitor distrai-se e não chega a captar a mensagem que ele lhe queria transmitir. Num pequeno apontamento é possível dizer um universo de coisas e o leitor atento e minucioso arrecada a

continua na página 6



N.º 4



HORIZONTAIS

- 1 — Que gostosos bacamartes! 2 — Por vezes mais vale fazê-lo que telefonar; quem os

conhece escreve melhor. 3 — Há um rio costeiro em França que se chama assim; também existe a câmara deste; não o faça em demasia se quer conservar a saúde. 4 — No Rio de Janeiro este é o grande rival do Flu; terreno de onde sai o cortejo; estas fazem lembrar uma francesa que deu brado. 5 — Sobretudo das castanhas; quando a Maria se junta com a sua avó, este junta-se com o Lé. 6 — É mesmo assustador; vem do francês este voo. 7 — Nestes não metas a colher. 8 — O Tati criava muitos como este nos seus filmes; com este entulho tapas uns buracos. 9 — Dizem que devemos temer as de Jeová; o de vitríolo é o da fórmula dos cábulas. 10 — Fugiu; a Quimigal é destas; chumbo reduzido. 11 — Na anterior Assembleia Municipal havia quem só assim soubesse falar.

VERTICAIS

- 1 — Com uma análise como esta descobre-se muito desconhecido. 2 — Caía aos poucos; este mar é interior. 3 — Aill; perfilhava. 4 — É uma parte do viveiro de peixes brasileiros; esta planta é bem cheirosa; eu sou um vivo. 5 — Atara as

velas; estes romanos estavam bem no enunciado anterior. 6 — Com este se medem ângulos. 7 — Mas que dó tão velho! vêm depois do q e antes do t; façam-nos às cartas ou então não há meio caminho andado. 8 — Compor este problema foi um de obra; nem abuse nem o faça. 9 — Gosto, sim senhor; O gás deste matou muito combatente na chamada Grande Guerra. 10 — Mas que escuro! tem o número 78 numa classificação. 11 — Este nunca ocupa lugar; todos os dias isto acontece ao nosso custo de vida.

SOLUÇÕES DO N.º 3

HORIZONTAIS — 1 — Conrabando. 2 — Moi, trio. 3 — Rematais, el. 4 — O.G.E., oro, dei. 5 — Lá, crasso. 6 — Consoante. 7 — Afine, si, er. 8 — Reatam, suma. 9 — Ourar, T.I.R. 10 — Al, sacudida. 11 — Mano, amola.

VERTICAIS — 1 — Rolhariam. 2 — Omega, fé lá. 3 — Nome, ciao. 4 — Tia, contuso. 5 — Torneara. 6 — Ataras, maca. 7 — Bríiosos, Rum. 8 — Ais, sais, dó. 9 — Nó, Don, útil. 10 — EE, Temida. 11 — Obliterara.

maré viva

SEMANÁRIO

Director Interino: NUNO BARBOSA

CHEFE DE REDACÇÃO — Jorge Lopo
 REDACTORES — António Afonso, João Barrosa, Manuel Fonseca e A. Moreira da Costa
 REPORTAGEM FOTOGRAFICA — Joaquim Santos, Joaquim Peito e Idalina Pedrosa
 COLABORADORES — Carlos P. Morais e Victor Sousa
 PAGINAÇÃO — Augusto Mota, João Barrosa, Manuel Fonseca e Victor Sousa
 CORRESPONDENTES — Antero Monteiro (S. Paio de Oleiros), Antenor Pereira (Silvalde), Henrique Ribeiro (Fiães), Joaquim Devesas (S. Félix da Marinha) e Manuel Santos (Guetim)
 Propriedade da Nascente — Coop. de Acção Cultural — Redacção: Rua 62. 251 - Telef. 721621
 Composição e impressão: Tipografia Menezes — Cooperativa Gráfica de Espinho, S. C. R. L.
 Rua 14 n.º 903 — Telef. 721016 Tiragem deste número: 2.000 exemplares

FONSECA

TECIDOS
MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413

ESPINHO

Concluída a primeira fase das obras do Lar da Terceira Idade

Está praticamente concluída a primeira fase das obras de construção do Lar da Terceira Idade, situado no lugar de Pedregais, freguesia de Anta.

Primeira fase esta, em que já foram gastos aproximadamente 20 mil contos e que para ser concluída são necessários ainda mais de 50 mil contos.

Para além das instalações para o Lar, a Mesa da Santa Casa da Misericórdia adquiriu uma vasta área de terreno contíguo ao edifício para dotar esta unidade de utilidade social, com uma zona verde para o

lazer de quantos dela possam vir a disfrutar.

Esta fase sofreu algumas alterações, com vista a levar o elevador ao segundo andar, uma vez que aquele apenas servia o primeiro.

Para além dos subsídios já recebidos da Solvente e da Junta de Freguesia, espera a entidade responsável, os subsídios da Câmara Municipal e uma parte que lhe caberá do Orçamento Geral do Estado, através do Ministério da Tutela.

Em contacto com o provedor da Misericórdia, Dr. Amadeu

Morais, soubemos que esta instituição espera que as obras estejam concluídas dentro de ano e meio. Para tal, é necessário que as entidades oficiais participem com os respectivos subsídios. Realçou ainda que à Santa Casa da Misericórdia têm chegado ofertas particulares de alguma monta, mas que para a obra ficar concluída serão precisos muitos mais. Os espinhenses poderão e deverão contribuir para esta obra de largo alcance social que é no fim de contas uma coisa de todos nós.

Carros da Polícia equipados com Posto de Rádio

O convite vem do dia anterior. Um almoço nas insuficientes instalações da Polícia local, onde estaria presente o 2.º Comandante Geral da PSP, Coronel Freire, que se fazia acompanhar pelo Ten. Coronel Vilas Boas, este sub-chefe do Estado Maior da mesma polícia.

Depois de servido o almoço, ao qual também estiveram presentes o Presidente da Câmara e o Presidente da Assembleia Municipal, a comitiva deslocou-se a uma, diminuta sala, utilizada como bar, onde foi oferecido um café. Aí, o Coronel Freire teve ocasião de falar à imprensa presente.

Começou por nos dizer, quando uma vez mais se abor-

dava a questão das instalações, que «o sr. Presidente da Câmara deixou total abertura em relação aos problemas da polícia que são no fim de contas os da segurança dos cidadãos. A palavra final cabe ao executivo, mas a Câmara tem as suas responsabilidades, compete-lhe diligenciar.»

Uma outra questão abordada nesta conversa com os «homens da imprensa» como o 2.º Comandante lhe chamou, foi a falta de efectivos com que a polícia actualmente se bate. Ficou-nos, na troca de impressões (lispersa) que fomos tendo, a ideia de que neste momento, o mais urgente seria o reforço dos efectivos. Sobre o assunto, o

nosso interlocutor começou por afirmar que «dentro de uma lista de prioridades, Espinho é uma gota. Aqui as necessidades não são as maiores, não se poderá dizer que a situação é preocupante.»

Ainda relacionado com este tema mais nos acrescentaria que «muitas vezes a responsabilidade da segurança tem a ver com cada um de nós e com todos. Há telefones de urgência, através dos quais se pode solicitar a intervenção da polícia. Para além disso, a nossa acção vai ser facilitada porque cada carro vai ser equipado com um posto de rádio, e o material já está em Aveiro, ligado directamente à Polícia. Basta, portanto, às pessoas, ligarem para a esquadra que esta por sua vez comunica para o carro que estará imediatamente pronto a intervir. O que é preciso é que haja colaboração.»

Este o pano de fundo de mais uma «espreitadela» às tão faladas e mais que insuficientes instalações da polícia local.

Nos registos da Polícia

Entretanto e depois de um cafezinho bebido na companhia de tantos agentes da segurança (ver reportagem nesta página) não quisemos deixar passar a oportunidade de no local recolher os registos desta semana.

Assim e logo no dia 27, «sorte» não é palavra que se possa ajustar a António Ferreira Nogueira, de 15 anos, que sofreu ferimentos graves quando seguia na sua bicicleta pela

rua 33. A causa foi o acidente, onde também interveio o ligeiro de mercadorias conduzido por Manuel Fernando da Silva, residente em Nogueira da Regedoura. Refira-se ainda que o jovem António teve que ser internado no Hospital de Gaia. De menores consequências foi um outro acidente, este ocorrido no cruzamento das ruas 20 e 41 e no dia 28 do mês passado. O embate foi entre os

veículos, ambos ligeiros, conduzidos por Fernando Violante Botelho, de Ovar, e por José Fernandes de Castro, de Lamas. Para além dos habituais danos materiais e que são apanágio destas situações, há ainda a registar ferimentos ligeiros em Ana Maria Santos de Carvalho Castro, ocupante de um dos veículos. Recebeu tratamento no Hospital local e seguiu o seu destino.

Assaltada a Sede do S C E

No princípio da semana passada foi assaltada a sede do Sporting de Espinho. Depois de tantos assaltos, um pouco por toda a cidade, chegou a vez da sede do Sporting. É óbvio que os assaltantes iam com o olho posto em eventuais dinheiros do clube, que nesta matéria anda um pouco em baixo de forma. Estes, porém, não estariam ali à espera dos inesperados visitantes, embora nestas coisas os «misters» sejam demasiado previdentes para não criarem

situações delicadas ao team.

Em contacto com um director do popular clube, soubemos que nada tinha sido subtraído. Apenas uma porta arrombada e nada mais. Afirmar-nos-ia a mesma fonte que «as coisas mais importantes eram os directores do clube e que não se encontravam ali na altura do assalto.» Seria intenção dos visitantes procurarem uma bola para fazer um treino de conjunto no novo tapete do Avenida?

FESTA DE CARNAVAL

Vai-se realizar no dia 13, pelas 15 horas, um carnaval infantil, com concurso de máscaras sendo distribuídos prémios a todos os concorrentes, no Centro de Trabalho de Espinho do PCP sito na Rua 8. Entretanto na noite de 14 para 15 irá também haver baile com música gravada, comes e bebes.

Concurso para o lugar de Continuos de 2.ª classe

Encontra-se aberto, a partir do dia 7 de Fevereiro e pelo prazo de 10 dias, um concurso para o lugar de continuos de 2.ª classe para as Escolas n.º 1, n.º 2 e n.º 3 da Freguesia de Anta, no Concelho de Es-

pinho.

As pessoas interessadas deverão dirigir-se às referidas escolas ou à Delegação Escolar de Espinho, onde se encontram afixadas as normas que deverão respeitar.

RETRATO

Sentado à mesa do restaurante, vai desfiando as suas recordações. Tem tudo apontado nos seus cadernos, mas, não obstante, tem uma memória prodigiosa. Onde veio o sr. António Alcobia?

«Sou natural de Lardosa — Castelo Branco. Vim para Espinho devido às contingências da minha profissão.» Profissão essa que era a de Ferroviário, bem como o Pai. «Comecei como carregador da CP e assentei praça, por assim dizer, em Es-

pinho quer para caminhar. Já me disseram que em funerais sou o número UM».

O sr. Alcobia é um homem de hábitos firmes e arreigados. Todos os dias almoça às 12.00 horas e janta às 20.00 horas; segue sempre o mesmo itinerário nas suas deslocações; aponta fielmente nos seus cadernos todos os acontecimentos significativos da sua vida. «Aponto tudo. Ainda outro dia estive em casa de um amigo a ler os meus apontamentos, para o que gastei duas horas. Tenho três tipos de apontamentos: uns relacionados com a minha vida pessoal, todas as peripecias que me têm aconte-



ligrafia fui rapidamente promovido a categorias superiores. E só tinha a 4.ª classe...»

O sr. Alcobia está hoje reformado. O que faz para ocupar o tempo de que dispõe? Praticamente só tenho dois vícios: ler e caminhar. Leio tudo o que vem parar à mão e onde quer que esteja. Como um médico disse no jornal que andar faz bem, agora ando sempre a girar.» Esse girar leva-o a acompanhar todos os funerais que há em Espinho. «Acompanho todos os funerais que há em Espinho. Todos os dias passo duas vezes pelo Café Moderno, de manhã e à tarde para ver os funerais que há marcados. Vou a todos quer por convicção e devo-

cido. Outros são cartas que escrevo para pessoas que praticam acções que considero meritórias. O último diz respeito a muitas coisas em geral, relacionadas ou não com a minha profissão.» Por exemplo, o sr. Alcobia sabe que acompanhou à volta de 40.000 comboios, que vendeu aproximadamente 171.000 bilhetes, que apurou perto de 1.320.000 escudos de venda de bilhetes de comboio quando era revisor da CP. Foi a qualquer coisa como dois mil e tantos funerais desde que está reformado.

O sr. Alcobia é um simpático cavalheiro, que todos os dias vai ver se há um funeral para acompanhar...

Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:

Arroz de marisco, Lulas, Enguias, Caldeiradas, Açorda de peixe, Bons vinhos
RUA 2 N.º 1355 — ESPINHO
TELEF. 720091

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º
Telefone 721014
E S P I N H O

CLÍNICA GERAL

L. Pinheiro de Moraes

RUA 20 N.º 300
TELEF. 720452

FERNANDO RODRIGUES LIMA

TRAVESSA DA RUA 5

TRASEIRAS DA GARAGEM SOUSA — TELEF. 721739

Distribuidor dos papeis COLOWALL com nova colecção acabada de sair, VIMURA PARÊTA, PARATI, etc.
Pavimentos para cozinhas e casa de banho; Alcatifas, etc.

ORÇAMENTOS GRATIS

Casa da Sagrada Família em S. Félix da Marinha: Município de Espinho

Uma obra inacabável

Edital n.º 3/83

A necessidade de conhecer e dar a conhecer esta obra levou-nos a fazer uma visita longa e interessada. Fomos acompanhados pelo P. Ismael, que dá apoio religioso ao Instituto e pela Directora, a Mãezinha. Assim, simples, como simples é a sua figura quase apagada, com um rosto terno onde jorra alegria e esperança, mas onde se esconde uma lutadora incansável, sonhadora, insatisfeita, uma mulher corajosa que não teme o futuro. Neste momento pensa seriamente na criação duma casa para a terceira idade, preocupada em dar as melhores condições possíveis àqueles que acolhidos pelo instituto vão envelhecendo e a todos os que, desprotegidos, necessitam do conforto e carinho que só uma dedicação desinteressada e total consegue proporcionar.

QUEM LÁ ESTÁ...

Na Casa da Sagrada Família há cerca de 150 crianças e algumas raparigas. Uma ou outra são mães solteiras, com filhos acolhidos pela obra. Chegamos a encontrar aqui quatro e mais irmãos. Por trás de cada criança ou de cada rapariga esconde-se um verdadeiro drama que a nossa sociedade não pôde, não soube ou não quis resolver nem evitar.

Esta obra procura fazer a educação, a reeducação e, sempre que possível, a reintegração social destes que a sociedade marginalizou. Embora difícil, esta tarefa vai sendo coroada de êxitos. Logo que as crianças atinjam a idade escolar vão frequentar a escola primária de Moínhos. Neste momento e distribuídos pelas várias classes são cerca de oitenta. Se revelam capacidades intelectuais não se lhes nega a possibilidade de fazer os estudos secundários. Caso não revelem capacidades suficientes são preparadas para poder ser aceites e integradas no mercado de trabalho. As raparigas, mães ou não, são preparadas para a vida laboral e para uma futura vida familiar própria. Algumas já estão empregadas e com quanta

satisfação a mãezinha nos falava do seu pé de meial. Até hoje e ao longo dos quase vinte e cinco anos do Instituto já foram realizados cerca de 180 casamentos, ou seja, 180 casos de plena reintegração na sociedade. Cada um é recebido e festejado como uma vitória. No momento do casamento cada «filha» leva o seu enxoval paciente e carinhosamente preparado. A ligação à casa-mãe não termina, porém, nese dia. Ela prolonga-se sob a forma de visitas, de pedidos de conselhos ou de ajuda na resolução de problemas.

... E QUEM OS AJUDA

Esta obra vive essencialmente das ofertas de benfeitores. Algumas casas comerciais e organismos, conscientes do verdadeiro alcance desta obra, contribuem regularmente com a oferta dos seus produtos. É o caso do Grémio das Frutas, de vendedeiras dos mercados do Porto, da Fábrica Imperial, de Padarias, confeitarias e talhos. As ofertas individuais ou de famílias são igualmente preciosas. Dizia-nos, emocionado, o P. Ismael que não há dia em que não entre uma oferta. Estas vão desde géneros, roupas, calçado até aos brinquedos, tão do agrado e necessários a estas crianças.

Esta casa, entre pinhais e próxima do mar, tem uma situação excelente para proporcionar as melhores condições aos seus «filhos». Além de vários edifícios e uma capela, dispõe ainda de amplo terreno, quintais e um parque onde as crianças mostram a sua vontade e alegria de viver. Recentemente, e na tentativa de responder ao número cada vez maior de pedidos, as instalações foram significativamente ampliadas com a inauguração de três novos pavilhões: uma cozinha, um refeitório e um dormitório. Algumas dezenas mais de crianças e raparigas puderam encontrar assim as condições de vida que a sociedade ou a família lhes negaram.

A construção e o equipamento orçaram em alguns milhares

de contos. O dinheiro veio fundamentalmente dum empréstimo do «banco dos benfeitores». Começámos por ver o novo refeitório. A disposição, o azeite e uma sensação de calor sensibilizaram-nos desde logo. Passámos à cozinha, ampla, mas ainda não equipada. Visitámos seguidamente os dormitórios das meninas. Em cima de cada cama, alinhada e cuidadosamente feita, via-se uma linda boneca. Em cada dormitório dorme uma assistente. Junto a cada um, há amplas salas, com brinquedos por todo o lado, onde as crianças podem preparar as suas lições, ocupar proveitosamente os seus tempos livres ou brincar quando as condições climatéricas não permitem fazê-lo ao ar livre.

O acompanhamento destas crianças é feito por um grupo de senhoras, as «irmãs», que encontraram aqui, na dedicação total aos outros, a forma ideal para a sua realização plena. O seu trabalho é totalmente gratuito. Tal dedicação e sem recompensa material é cada vez mais difícil de encontrar nesta sociedade de consumo e marcada pela ânsia do lucro e do prestígio visível. Hoje, qualquer simples intenção ou projecto anunciado com fins propagandísticos traz para os seus proponentes honras de primeira página. Paralelamente há obras concretas, vivas, quase despercebidas, já que os que se lhes dedicam de alma e coração não procuram a projecção dada pelos grandes jornais ou reportagens televisivas encomendadas, antes se remetem a um anonimato corajosamente aceite e até desejado. Numa época em que a criminalidade aumenta pavorosamente, a delinquência juvenil alastra, as condições de vida se degradam, as relações se tornam violentas, anormais até ao limite do irracional, e a família se abastarda, era necessário que obras como esta se multiplicassem rapidamente e espalhassem por todo o país.

Por trás da serenidade e confiança da «mãezinha» pudemos adivinhar uma preocupação angustiosa: a sua obra não está acabada. Na verdade, ela é inacabável...

Artur Pereira Bártolo, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faz público que pela Secretaria desta Câmara Municipal, correm éditos de 30 dias, a contar da publicação do presente aviso no Diário da República, convidando os concessionários ou herdeiros certos ou incertos de HECTOR THEY; JUAN LAVADIA; MARIA ENGRÁCIA DE CARVALHO; DUARTE F. G. SOUSA FRAGA; ALZIRA RIBEIRO DA CRUZ; ARTUR MATOS; DOLORES SAMPA Y PEREY; FRANCISCO FURTADO DANTAS; JOAQUIM FERREIRA CADINHA; MANUEL DE PAULA ROSADO; APOLINÁRIO RIBEIRO; FAUSTO MOREIRA E OIS; EDUARDO CRUZ; LUISA GESSUER; ALZIRA DA COSTA BRAGA; LUIS MARIA TENÓRIO; FRANCISCO RODRIGUES BENTO; JOÃO RODRIGUES LIBERADO E MARIA E. AMARAL OSÓRIO DE SOUSA CADAVAL, a habilitarem-se à posse das sepulturas perpétuas com o n.º 13 da Secção n.º 1; n.º 15 da Secção n.º 2; n.º 11 n.º 28 da Secção n.º 3; n.º 5, n.º 12, n.º 28 da Secção n.º 4; n.º 11, n.º 28, n.º 29 da Secção n.º 5; n.º 10, n.º 11, da Secção n.º 6; n.º 14 da Secção n.º 6 Vala Comum; n.º 14, n.º 15 e n.º 25 também da Secção n.º 6; n.º 1, n.º 3 da Secção n.º 7; e n.º 31 da Secção n.º 8, que os mesmos possuíam no Cemitério Municipal de Espinho, que se encontram abandonadas há

mais de vinte anos, não tendo os seus concessionários ou sucessores desconhecidos ou residentes em parte incerta exercido o respectivo direito sobre essas mesmas sepulturas.

Mais torna público, que pelo mesmo período, correm igualmente éditos, convidando os possíveis titulares de quaisquer direitos a habilitarem-se à posse das seguintes sepulturas:

Na vala comum uma sepultura, sem número e que por ordem numérica lhe cabe o n.º 58 da Secção n.º 4, não constando qualquer nome; Três sepulturas com o n.º 5 da Secção n.º 5, não constando qualquer nome; Na vala comum, uma sepultura sem número, da Secção n.º 6, e que por ordem numérica lhe cabe o n.º 75; Três sepulturas com o n.º 7 da Secção n.º 7, não constando qualquer nome e Duas Sepulturas, com o n.º 12 da Secção n.º 7, não constando qualquer nome.

Findo este prazo e não aparecendo quaisquer concessionários ou seus representantes legítimos a reclamá-las, serão as mesmas consideradas abandonadas e prescritas, nos termos do disposto na alínea j) do n.º 1 do artigo 62.º da Lei 79/77, de 25 de Outubro, a favor desta Câmara Municipal.

Espinho e Paços do Concelho, 1 de Fevereiro de 1983.

O Presidente da Câmara,
Artur Pereira Bártolo

CICLOMOTORES DE ESPINHO

ANTÓNIO F. DE SÁ ALVES

Armazém de acessórios para qualquer marca de motorizadas e bicicletas.

Motorizadas — Bicicletas — Acessórios

Av. 24 n.º 841 — Tel. 723800 — Apartado 107 — ESPINHO

LONDON PUB

RUA 27 N.º 710 — ESPINHO

Dias 11 e 12 (6.ª e Sábado)

Música ao vivo com o

GRUPO

F M

Aberto de 2.ª a 6.ª das 21 h. às 2 h. e aos sábados e domingos das 15 h. às 2 h.

Nós e o Leitor

OS PROBLEMAS DE SALES

Depois de feito o apelo à identificação do leitor anónimo de Sales, e satisfeita essa solicitação, publicamos hoje a carta em que alguns problemas dessa zona da cidade foram levantados:

«Espinho, 19 de Janeiro de 1983

Venho por este meio divulgar o seguinte: numa rua que tem o nome de Pinhal Novo, em Sales, foi feita a limpeza das valetas, mas acontece que deixaram o lixo pela rua acima. Já lá vão seis dias, e esse lixo continua lá por apanhar. Nessa mesma rua, tentaram tapar uns buracos lá existentes. Puseram saibro nos ditos buracos, mas não passaram o cilindro por cima, para o piso ficar em condições. Portanto, os

carros passavam e levantavam o saibro; quando chovia, era um autêntico lamaçal, e voltavam as covas, outra vez! Passados mais uns tempos, voltaram a tapar os buracos, em vez de se resolver o problema de uma vez por todas!

Aqui há dias presenciei o caso de um sujeito que ia a descer essa rua e que foi surpreendido por um senhor armado em ás do volante e senhor da rua; ao passar nesses buracos, deu um banho à pessoa que passava nesse momento e, mais abaixo, voltou a fazer o mesmo a umas senhoras que ali estavam. De noite, ao passar por lá, nem vemos onde pomos os pés, devido à falta de luz. As luzes ficam muito distanciadadas umas das outras, e como tal, quando funde uma

lâmpada, é uma escuridão total! Pois já lá vão uns meses que está fundida uma lâmpada, e não há maneira de a substituírem...

Também existe um tanque, chamado «Tanque da Relva», em Silvalde, onde o piso ao lado está todo levantado devido a umas escavações do Saneamento que lá andaram a fazer. Até parece que por lá passou uma toupeira! Já lá vão uns meses, e aquilo sem arranjar, com o risco de as pessoas que lá vão lavar se aleijarem seriamente... Se isto fosse junto às casas das entidades competentes, de certeza que já tinham arranjado isto há muito... Enfim, quem paga é o mexilhão! Assim vai Portugal: uns vão bem, outros mal!»

reunião da câmara

Moradores do Bairro dizem não a barracos

A sessão, pública, começou por nos fornecer uma boa impressão, o que não é habitual, logo que penetramos na sala. A numerosa presença de público prometia, e mais curioso ainda, levava-nos a crer que algo de «diferente» se iria passar. E a resposta veio, quando o Presidente, depois dos assuntos referentes a obras serem debatidos, deu a palavra aos presentes.

O ponto da situação é este. Há sensivelmente oito anos, o então SAAL, instalou do lado sul da Fábrica de conservas Lopes da Cruz, em meia dúzia de barracos e no prazo previsível de meio ano, umas tantas famílias, na sua maioria de ciganos. O que tem acontecido de então para cá: não só os barracos não saíram de lá como o seu número tem aumentado. Tal facto levou um grupo de moradores, em nítido desespero e numa derradeira tentativa, a fazer o seu protesto junto da Câmara na sua totalidade, quando já tinham sido numerosas as «queixas» junto do Presidente Artur Bártolo, no seu anterior mandato e neste como ainda José Fonseca aquando da sua «estadia» à frente dos desígnios do Executivo, foi por a situação se tornar cada vez mais insuportável para quem a vive de perto. E sublinhamos, para quem a vive de perto, porque quem lá esteve não foram os próprios residentes mas aqueles que estão na sua vizinhança e dizem já não aguentar o lixo e o cheiro provenientes do despejo do produto das necessidades daqueles que, por não terem instalações sanitárias «in», têm que as deitar naquilo a que vulgarmente se designa de «via pública».

A posição da Câmara é só uma. «Não há hipóteses de se resolver o assunto nos próximos

tempos. Vai-se fazer o possível. A distribuição de casas (sociais) é com o Fundo de Fomento». Já lá vão oito anos. Mas... aquela gente não se conforma e vai desabafando. «O vereante passa lá por engano à primeira vez mas não torna a passar a segunda. Aquilo não é a esplanada». E vão continuando, perante o silêncio de quem tem que os ouvir. «Ainda não há muito, quando esteve cá o sr. Angelo Correia e viu aquilo, virou-se então para o sr. Fonseca e disse, nestes termos: — Ó pá, tem que se fazer alguma coisa por esta gente. Mas aquilo foi só teatro; estamos num país de enganadores».

E lá foram. Terão levado consigo alguma réstia de esperança? E com a sala mais vazia, o debate prosseguiu, perante a presença quase única de quem o relata para os jornais.

SER OU NÃO SER, PRIVATIVO

Perante uma proposta de protesto, enviada pela Câmara da Mealhada e que já tinha «subido» à última sessão pública, contra uma deliberação do governo, ainda não despachada, em que se pretende retirar o Notário privativo da Câmara, iniciou-se o debate à volta desta questão. Para além de outras implicações, esta pretensão do poder central é vista fundamentalmente como mais um atropelo à autonomia das Autarquias. Nesse sentido, apresentou o vereador da APU uma outra proposta, que Valdemar Martins não considerou por duas razões. A primeira, por considerar que «a Câmara se deve submeter às deliberações do

poder central e recorrer, neste caso, aos Notários públicos». A segunda, por achar que a proposta em questão, «marte-lava em demasia no Governo AD». Mais acrescentou que a Câmara não se sentia vocacionada para ter um Notário próprio, ao que lhe foi transmitido que essa situação já se verificava há 150 anos. Por seu turno, Bártolo classificou a pretensão do Governo de anti-constitucional. Entretanto do lado do PSD veio a abstenção, sendo a proposta aprovada por maioria.

O NUCLEAR FORA DE GENEBRA

A provar que também os pequenos se preocupam com os problemas dos grandes está a polémica que se gerou, nesta sessão, à volta das Armas Nucleares. Na sua origem esteve um pedido de subsídio pelo Movimento «Não às Armas Nucleares em Portugal», para proceder a um esclarecimento junto do público sobre o assunto. Esse pedido vinha acompanhado de um prospecto que julgamos, já que nos foi recusada autorização para obter fotocópia do mesmo, definir as principais linhas de actuação desse movimento; a discussão centrava-se à volta do pedido de subsídio daquela organização, tendo já sido adiantada uma verba de 20 contos. Só que a questão se foi arrastando tendo no fim, os componentes do Executivo votado a concessão de tal subsídio mais o «es-

pírito do movimento», estabelecendo-se tal confusão que alguns já não sabiam se estavam a votar o subsídio ou o «espírito» e tendo outros votado favoravelmente o «espírito» e desfavoravelmente o subsídio.

A primeira intervenção veio do representante do CDS, que considerou aquele movimento «um instrumento de agitação ligado à problemática da luta hegemónica dos Blocos» da qual a Câmara devia «estar à margem». Mais adiantou que «não havia um plano de instalação daquele tipo de armas em Portugal le que mesmo que houvesse, os governos são eleitos pelo povo e temos que aceitar a sua vontade». Por isso «voto contra», disse ainda.

De referir, entre muitos considerandos, um passo da intervenção de Rolando Sousa em que afirmava que «todo o democrata deve ser a favor do desarmamento». Mas o vereador da Cultura voltou à carga, achando que «este movimento está ao serviço de um bloco porque luta apenas contra a instalação de armas num lado escamoteando aquelas que estão apontadas contra a Europa». E quando se votou favoravelmente a concessão do subsídio, com toda aquela confusão do «espírito» à volta, e José Fonseca se pronunciou pela abstenção por não conhecer o movimento, disse ainda, Valdemar Martins, com certo desalento «mas não conhece o Costa Gomes? Como se estraga assim dinheiro.»

CARNAVAL EM ESPINHO

Máscaras do antigamente

Carnaval é tempo de ultrapassar preconceitos, de falar com desconhecidos, de «chatear o vizinho» (sem ofensa, claro!), de ser diferente ou, quem sabe, um pouco mais iguais a nós próprios. E sem a espectacularidade espartilhada da festa carioca, também em Espinho acontecia Carnaval.

NOS BAILES

O ponto culminante da festa carnavalesca era o baile. Mas também aí, não podia haver misturas nem confusões; a «alta» espinhense reunia-se ali para os lados da Pensão Particular enquanto que os de carteira recheada iam para o velho Teatro Aliança, onde hoje se ergue o edifício prosaico da Caixa Geral de Depósitos. Muitos casamentos católicos se fizeram à custa destes rituais mais ou menos pagãos, onde a tradição da data permitia aproximações mais íntimas. Talvez por esse facto, nem sempre as hierarquias sociais eram totalmente respeitadas; o baile popular atraía alguma rapaziada «bem» que, vestida com o secular marialvismo lusitano, lá ia em busca de aventuras e conquistas. E, ao som da orquestra roufenha — a música era «ao vivo», como agora se diz — pulava-se até às tantas, no meio de chuvas de confétis, pródigos bisnagadelas e galanteios atrevidos.

A Piscina veio depois. Para lá iam as raparigas sob a vigilância sisuda das respectivas paternidades, tiagem e restante família mais experiente, numa atmosfera de «belle-époque» provinciana. O programa incluía,

além da indispensável orquestra, a realização de diversos jogos: trocava-se de par, faziam-se bichas, etc. Mas apesar do ambiente de certa forma liberal, ainda se formalizavam as «apresentações», se pedia a «próxima dança». O que depois se traduzia em amizades novas ou namoros assumidos.

NAS RUAS

Para gozo próprio ou para matar o tempo de quem simplesmente se dispunha a vê-los passar, desciam à rua os mascarados. Na sua maior parte do sexo masculino, com poucos recursos e muita imaginação, passeavam-se em preparos grotescos de «travesti» de trazer por casa. Algumas vezes as raparigas alinhavam, e então eram autênticos «casamentos», com padrinhos e restante acompanhamento, aos quais nem o fotógrafo faltava; isto, evidentemente com os noivos de papel trocado.

Mas também a miudagem tinha o seu bocado na festa. Contudo, a eles se destinavam os disfarces mais sofisticados, muitos deles alugados a bom preço em casas da especialidade: «cossaco», «magala», «criadinha de servir», «fada», «D. Sebastião» e outras figuras mais ou menos históricas, etc.

Por vezes, alguém com mais imaginação «dava o toque», e faziam-se coisas novas. Uma vez foi uma banda de música completa que percorreu as ruas de Espinho, fazendo impossíveis para desafinar em instrumentos improvisados para o efeito.

Ao entrudo espinhense não faltavam as tão habituais quan-

to desagradáveis bisnagadelas. Ainda vinham longe as pistolas, metralhadoras, «lasers» e outros arsenais de conotações incontestavelmente militares, já se bombardeava o vizinho com água, a partir de engenhocas que, apesar de bizarras, não deixavam de ser eficientes. Também se enchiam essas primitivas bisnagas com álcool ou éter, por serem mais frios e provocarem gritos mais ou menos incontrolados dos infelizes alvejados(as); registre-se que a brincadeira chegou ao ponto de se utilizar líquidos de origem orgânica mais ofensivos e menos desinfectados...

Também havia o «encharcado», que molhava muito mais a vítima e a deixava perfeitamente desconcertada. Ou então, esfregava-se serrim, farinha de trigo e outras substâncias poeirentas na cara do parceiro. Quanto aos confétis, eles eram amiúde substituídos por grão-de-bico ou tremoço seco, o que tinha a vantagem de magoar o atingido, sem traumatismos graves.

OS ASSALTOS

Eram mais ou menos assim: um grupo de mascarados juntava-se, já noite, arranjava umas garrafas e «qualquer coisita que se coma», e invadia a casa de algum amigo ou desconhecido mais pacato que, às folias do entrudo, prefira a botija e as pantufas. Desconhecendo a identidade dos invasores, o infeliz não tinha outra opção que não fosse juntar-se à festa, que implicava um atentado de sérias consequências à sua dispenza. Só depois da festança

consumada, os «assaltantes» revelavam a sua identidade. É claro que as casas de mais posses eram as preferidas neste tipo de assédios, por prometerem mesa farta até às tantas.

Porém, as vítimas mais habituais descobriram que a forma de verem convenientemente preservados os seus bens alimentares era informarem-se com antecedência sobre a planificação dos «assaltos». E, não poucas vezes, passaram elas a gozar a situação, observando do canto da esquina próxima os desconsolados assaltantes batendo desesperadamente na porta da casa vazia.

Talvez por isso a tradição dos «assaltos» se fosse perdendo. Muitos deles passaram mesmo a ser combinados entre executores e vítima, pelo que se chegava mesmo a alugar alguns discos e respectiva aparelhagem para dar mais cor à noite de festa.

A TERMINAR

Fica aqui uma visão seguramente limitada do que foi, durante muitos anos, o Carnaval espinhense. Alguns dos factos aqui relatados ainda hoje acontecem, mas perderam irremediavelmente o encanto de outros tempos. Numa altura em que a televisão não existia, em que os divertimentos eram escassos, o Carnaval possuía uma magia que fazia as pessoas sentirem esses dias como diferentes. O progresso destrói inapelavelmente muitas das «tradições»: o que fica, é a recordação de uma vivência de amizade, camaradagem e humor que, essa sim, é preciso preservar.

CONFETARIA DOCE BELO
do «Jaimes»
ex-encarregado da SUIL.
Secção de mercearia fina e Snack
De passagem, tome a sua «bica»
RUA 25 N.º 387
(entre as Ruas 16 e 18)

Manuel Correia da Silva
(ADVOGADO)
Praça General Humberto Delgado, 287-4.º
Sala 46
Telefs. 23457 - 7641745
4000 PORTO

Vieira da Cruz
MÉDICO
CLÍNICA GERAL
Consultório:
Rua 31 n.º 321 - Tel. 724401
4500 ESPINHO

Arq.º Jerónimo Reis

continuação da página 8

grito da moda para a prática do Volei.

MV — Para além da AAE houve também o SCE...

JR — Fui Presidente do SCE 5 anos, apenas. Durante o meu mandato o Espinho desceu à III Divisão do Futebol Nacional e subiu no ano seguinte. No último jogo, aquando da subida, precisavamos de ganhar em Viana do Castelo, ao Vianense, ou então era preciso que o Gil Vicente não ganhasse ao União de Tomar, em Tomar.

O Carlos Xabregas veio ter comigo a dizer que era melhor angariar algum dinheiro para comprar os homens do Tomar, para ver se eles ganhavam o jogo. Eu não acreditava muito nesses processos, mas enfim, ele lá foi para Tomar com o dinheiro no bolso para ver se conseguia alguma coisa.

Em Viana, o treinador, antigo atleta, e muito brioso, da Oliveirense, não sabia o que dizer aos jogadores. Durante o campeonato tinha tudo corrido muito bem, mas ali ele não sabia o que dizer. Eu mandei-o fazer a linha, dizer a prelecção técnica e depois falei com os jogadores, um por um. O último foi o Luciano que era um grande jogador, mas que, fora, tinha tal medo, que fugia da bola como o diabo da Cruz. Eu disse-lhe: — «Ó pá! Tu joga-me a sério que eu, se for preciso, até te dou umas pernas de ouro!». Ele foi simplesmente o melhor em campo. Os jogadores entraram em campo com uma tal gana, que o treinador ficou aflito a dizer que eles não aguentavam até ao fim, daquela maneira. Acabámos por ganhar o jogo por 2-1. E ainda bem, pois o Gil Vicente, que também tinha comprado os do Vianense, foi ganhar a Tomar, a despeito do dinheiro do Carlos Xabregas. Se não tivessemos ganho, tínhamos ficado na terceira!

MV — E na época seguinte?

JR — No ano seguinte fui buscar um guarda-redes à Corunha que era muito bom; chamava-se Leston e era baixo, atarracado, mas muito ágil e parecia um orangotango. O Espinho ainda andou nos primeiros lugares, durante várias épocas e só não subimos à primeira divisão por falta de sorte.

MV — O sr. Arquitecto

também foi um praticante de Desporto. Quer contar?

JR — Fui praticante de numerosas modalidades. Por exemplo, andei na Pesca Desportiva, onde juntamente com outros sete companheiros ganhamos inúmeros troféus para a AAE. Eu não pescava nada, mas dava muito ânimo aos outros... No Espinho joguei futebol; eu era muito tosco, mas tinha muita força. Jogava ao coice e à marretada, mas lá andava. Joguei hóquei em campo até aos 52 anos. Os jogos da AAE eram sempre os mais concorridos porque da nossa parte havia uma entrega total ao jogo. Eu dava um bocado de espectáculo, ferrava as balizas, fazia trinta por uma linha.

A minha coroa de glória desportiva foi um jogo contra o Campeão Nacional de Ping-Pong, um rapaz que era do Galitos da Foz. Eu fiz um jogo em que dei tudo por tudo, atirava-me para o chão para buscar bolas quase impossíveis, de tal modo que o outro tipo partiu a raquete dele e desistiu, foi-se embora.

No futebol era muito entusiasta mas tinha pouco jeito. Nessa altura havia um tipo que tinha imensa queda para o jogo, que se chamava Campos. Eu até cheguei a dizer-lhe que se tivesse a habilidade dele o Espinho nunca perdia um jogo, pois ele não ligava nenhuma àquilo. Em S. João da Madeira podíamos ter sido Campeões se ele não tivesse ido para lá chamar parolos e coisas assim aos de lá, tendo-os acirrado imenso contra nós. No fim do jogo dei-lhe duas lambadas de tão desesperado que estava!

MV — Vem agora o Hospital...

JR — Na Misericórdia de Espinho nada fiz de especial. Estou a fazer um projecto de aumento das instalações do Hospital. O Hospital de Espinho foi na minha opinião o melhor hospital de província que conheci. Conheci vários, mas o de cá era o melhor, sobretudo devido ao seu corpo clínico que era de uma dedicação excepcional. Cheguei a trazer comigo um cartão a pedir para em caso de acidente, ser conduzido ao Hospital de Espinho, pois só aí acreditava que me podia salvar.

MV — Quer agora falar um pouco da sua actividade nos Bombeiros Voluntários de Espinho?

tários de Espinho?

JR — Os bombeiros são uma corporação já com grande nível. Vamos ter em breve um quartel novo e comprámos um carro que é único no País: um «Carro Corte» que permite cortar a chaparia dos carros acidentados, para remoção dos feridos e corpos entalados nos destroços, de outro modo inacessíveis.

Tem havido certos sabores na Corporação; reconheço que em parte se devem à personalidade um pouco controversa do Comandante, que, sendo um Bombeiro de grande valor, já diversas vezes condecorado pela sua bravura, tem um feitio um pouco próprio, às vezes um tanto difícil. Tivemos infelizmente que dispensar 12 bombeiros, mas creio que agora tudo vai correndo melhor.

MV — A coroar todas estas múltiplas presidências e direcções foi também Vice-presidente da CME. Como foi?

JR — Entrei para vice-presidente da Câmara com o Eng. Manuel Baptista, que considero ter sido um dos homens mais inteligentes de Espinho. Infelizmente faleceu ao fim de três anos. Depois foi o Dr. Pinto, que embora tendo tido obra positiva, tinha um defeito, quanto a mim: Não confiava em ninguém, confiando apenas em si próprio. Inclusivamente, não confiava em mim, pois tendo relações difíceis com o sr. Manuel Violas, julgava que era eu quem lhe ia contar tudo o que se passava nas reuniões da Câmara. Depois, foi o Dr. Manuel Nunes dos Santos, com quem estive pouco tempo, pois fui substituído pelo Sr. Violas.

No tempo do Eng. Manuel Baptista fez-se um trabalho muito importante e de qualidade excepcional sobre o problema da recuperação dos Pescadores de Espinho, que passava pela urbanização da Quinta do Constante Pereira. Era um trabalho muitíssimo bem documentado, com desenhos do Arq. Viana de Lima. Foi apresentado ao Ministro dos Assuntos Sociais da altura, que gostou muito, mas que disse que não tinha dinheiro para o fazer executar. Naquela altura quem tinha todos os dinheiros era o Veiga de Macedo, que era o único homem que conheci que batia o pé ao próprio Salazar.

totalidade do que lhe quiserem transmitir.

Por isso é que hoje é norma no jornalismo eliminar o mais possível a adjectivação, a apreciação subjectiva do repórter, e redigir o noticiário com dados positivos, curtos e suficientemente isentos. Bem tradutora mente isentos. A historinha desta tendência é a historinha que um dia destes topei já não sei onde e que dizia como se-

que: «Um candidato a jornalista vai prestar provas. O Chefe da Redacção dá-lhe as instruções que considera indispensáveis e, pouco tempo depois o candidato estende-lhe um papel que reza: «O senhor Silva era ciumento. Tinha razão. A senhora Silva vai hoje a enterrar.»»

Carlos P. Morais

CERCIESPINHO Assembleia Geral Ordinária CONVOCATÓRIA

Em cumprimento do parágrafo único do Artigo 17.º dos Estatutos a Cerciespinho, convocam-se todos os sócios para a Assembleia Geral a realizar na sua sede, sita à Estrada de Anta, Espinho, pelas 20,30 horas do próximo dia 18 de Fevereiro.

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Leitura e aprovação da acta da Assembleia Geral anterior;
- 2 — Apreciação e aprovação do Relatório de Actividades, Contas da Gerência de 1982 e Parecer do Conselho Fiscal;
- 3 — Análise, discussão e deliberação sobre o Decreto-Lei n.º 310/81, de 17/11/81.
- 4 — Discussão de qualquer assunto de interesse para a Cerciespinho.

Se à hora, marcada não estiver presente a maioria absoluta dos sócios, a Assembleia reunirá uma hora mais tarde, com qualquer número de associados.

Espinho, 20 de Janeiro de 1983

O Presidente da As. Geral
Arq.º Jerónimo Ferreira Reis

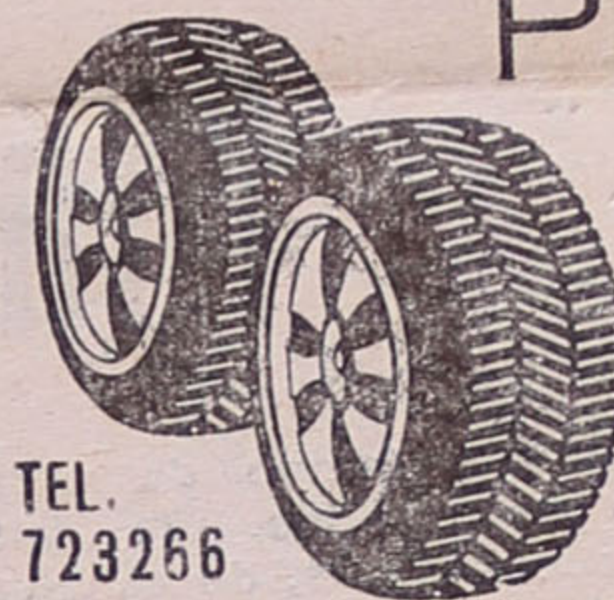
A MODELAR

Telefone
723068



Rua 16 — Merc. Municipal
4500 ESPINHO

Aviamento rápido de receitas de óculos com descontos das Caixas de Previdência



TEL.
723266

PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneus
Nacionais e Estrangeiros

- Assistência Técnica
- Alinhamento de Direcções
- Vulcanização de Câmaras
- Equilíbrio de Rodas

R. 18 - 1010 (R. da Igreja) - ESPINHO

Antenor Pereira

AGÊNCIA DE CONTRIBUINTES
CONTABILIDADE E CONTENCIOSO
MEDIADOR DE SEGUROS

Rua da Fonte - Silvalde, — Tel. 723489 — ESPINHO

CAN - CAN II

BOITE PIANO BAR
DISCOTECA

O seu ponto de encontro
Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink.
Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas
e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — E S P I N H O

MV — Nunca fez nenhuma experiência política?

JR — Não. Embora ache que a política é a Ciência de Governar os povos, acho que é muito subterrânea, artificial e hipócrita para meu gosto.

O Arquitecto Jerónimo Ferreira Reis é isto mes-

mo. Um homem que vai a todas, dando o melhor do seu esforço em prol das colectividades da sua terra. Emotivo até às lágrimas, alegre, bem disposto, prezando acima de tudo a amizade e a camaradagem, ele aí está sempre disposto a dar uma ajuda no que for preciso. Podem contar com ele...

TRÊS PERGUNTAS PARA Amadeu Loureiro

«Para principiantes que eramos, o facto de ficarmos em 3.º no Campeonato Regional, deu um certo ânimo às pessoas, que aliás são as mesmas de agora». Isto foi em 75 quando a Secção de Xadrez da Académica se filiou na Associação de Xadrez do Porto, dois anos após a sua fundação. A conversa foi com Amadeu Loureiro, jogador e fundador, desde o início empenhado na sobrevivência daquela Secção. «Depois há a vitória, em 78, também no Regional e, no mesmo ano, o 2.º lugar no Nacional. Mais recentemente, no ano passado, vencemos a 1.ª Taça do Porto, ano em que o Clube regressa novamente à 1.ª divisão, depois de ter sido afastado por razões burocráticas».

Isto em provas em que a AAE se fez representar como equipa. «Sim, em individuais um nome há a destacar, José Azevedo, o único que nos últimos anos nos tem obtido resultados relevantes».

Mas a vossa acção não está só virada para a competição. «Exacto. Muito se fez e mais se poderia ter feito. Destaco ao nível de divulgação, uma simultânea feita por Joaquim Durão no Parque João de Deus e que movimentou centenas de

pessoas. Lembro-me ainda de uma acção desenvolvida no Ciclo, só que depois fomos proibidos por um decreto qualquer que dizia que o ensino, fosse do que fosse, dentro da escola só poderia ser feito por professores ou alunos dessa escola. Apesar de tudo não nos sentimos realizados. Houve uma série de factores que condicionaram a nossa tentativa de implantar o Xadrez. Dinheiro, tempo e pessoas».

Contudo começaram bem neste início de ano. «É verdade. Os mesmos que em 78 foram campeões Regionais e vice-campeões Nacionais, juntaram-se outra vez e conseguiram bons resultados na 2.ª Taça do Porto. Fomos à final. Nesse jogo com o Grupo de Xadrez da Foz, este ano reforçadíssimo e com um olímpico, perdemos a oportunidade única de ganhar outra vez a prova. O Azevedo por um erro involuntário e numa partida completamente ganha (frente ao tal olímpico), enganou-se na ordem de 2 lances, conseguindo ainda empatar a partida. Empatamos 2-2 e tivemos que disputar uma finalíssima na qual, custa-me dizê-lo, fomos literalmente esmagados, perdendo por 3,5-0,5. Mas o resultado global foi bastante positivo».

Marítimo, 0 — SCE, 0

MENDES, MAIS UMA VEZ...

Desta vez no Funchal, o SCE foi buscar mais um precioso ponto. Jogando desfalcado de quatro jogadores importantes na manobra da equipa (Salvador, João Carlos, Pinto da Rocha e Salvador), os espinhenses resistiram bem aos madeirenses, com natural destaque para o guarda-redes Mendes que, em três ou quatro intervenções «de luxo» conseguiu manter o «nulo».

Assim, quase sem se dar por isso, o SCE vai amealhando pontos tão necessários para a obtenção do objectivo final — a manutenção no escalão maior numa época que será quase

toda jogada «fora». Isto apesar de se poder já ver uma relva-zinha no Avenida. Só que ainda demasiado tenra...

Segue-se o jogo com o F. C. Porto, em S. João da Madeira. Jogo que se antevê difícil para os «tigres», até porque o Porto ainda persegue o título.

No Estádio dos Barreiros, sob a arbitragem de Fernando Alberto, do Porto, o SCE alinhou do seguinte modo:

Mendes; Vivas. Balacó, Serra e Raul; Dinis, Carvalho e Mória (Vitor Manuel, aos 89 m.); David, Moínhos, (Bábá, aos 83 m.) e Vitorino.

João Pessanha do SCE Campeão Regional de mini-trampolim

Realizaram-se os campeonatos regionais de Mini-Trampolim, nos dias 22 e 30, no ISEF e no pavilhão do F. C. Gaia com a presença dos seguintes clubes: SCE, Boavista, S. João da Madeira, Vila do Conde e F. C. Gaia.

O SCE obteve as seguintes classificações:

INFANTIS — 1.º António Correia; 2.º Pedro Sampaio; 3.º Joaquim Peixoto.

INICIADOS — 1.º Armando Campos; 2.º Carlos Lopes; 4.º António Abreu.

Por equipas, ficou em 1.º

lugar, na categoria de iniciados, com a classificação 18.80.

JUVENIS — 3.º Isabel Neto.

JUNIORES F. — 2.º Ana M.ª Neto.

JUNIORES M. — 1.º Pedro Ribeiro.

SENIORES F. — 2.º Paula Lima.

SENIORES M. — 1.º João Pessanha; 4.º José Cabral; 5.º Macedo; 7.º Agostinho; 9.º António Martins; 12.º Mário Horta.

Por equipas classificou-se em 1.º lugar, na categoria de seniores masculinos, com a classificação 16.20.

BANCADA DE IMPRENSA

A «Bancada de Imprensa» desta semana é muito breve. E é, principalmente, relacionada com a transmissão do jogo Amora-Portimonense, no passado domingo, via TV. Não propriamente quanto à qualidade técnica da transmissão, que, por acaso até esteve muito mázinha, especialmente quanto à questão da focagem das imagens. Mas, no que respeita à RTP já tudo está dito...

O que nos leva a focar aqui o jogo entre o Amora e o Portimonense é aquela «bizantinice» do treinador do Amora, Medeiros de seu nome (como diria Alves dos Santos) que consistiu em dar aos defesas da sua equipa números de camisas habitualmente atribuídos aos avançados... Ou seja: o defesa direito foi o número 11, o defesa central o 10, o outro central o número 9, e o esquerdo ostentava o número 8. E quanto mais para a frente, mais ia diminuindo a numeração das camisolas dos amorenenses...

Talvez fosse uma brincadeirazinha de Carnaval. Ou então uma daquelas pseudo-psicologias em que são férteis alguns técnicos do futebol lusitano...

Manias!

VISTA OS SEUS FILHOS NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

Casa especializada em artigos para Noivas

Acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — Telef. 724203 — ESPINHO

M MOREIRA Oculista ÓPTICA

INSTRUMENTOS DE PRECISÃO

RUA 27 N.º 700 — TELEF. 723806 — 4500 ESPINHO

Cineclube "Nascente"

6.ª FEIRA, 18 DE FEVEREIRO DE 1982

PELAS 21,30 H. NO AUDITÓRIO NASCENTE

"UM DIA NAS CORRIDAS"

com os IRMÃOS MARX

PRÓXIMA SESSÃO:

DIA 25/2 — "Luzes da Cidade"

com CHARLES CHAPLIN

RAICA

PRONTO A VESTIR
INSTITUTO DE BELEZA

Rua 62 n.º 101 - Tel. 722896

ESPINHO

Pinto de Matos

MÉDICO ESPECIALISTA
Doenças dos Ossos — Articulações

2.ª FEIRAS:
Consultas para Crianças

4.ª E 6.ª FEIRAS:
Consultas para Adultos

Rua 19 n.º 364 - 1.º — Telef. 721218

ESPINHO

Talho e Charcutaria CENTRAL

Joaquim F. Nogueira da Fonseca
(RAIMUNDO)

BOAS CARNES — SERVIR BEM

Rua 15 n.º 268 — ESPINHO
Tel. 721929

RESULTADOS DA SEMANA

Os destaques desta semana vão para a vitória da equipa feminina de Voleibol do SCE em Esmoriz por um concludente 3-0, e, naturalmente para os 28 golos que os Juniores da AAE marcaram ao Óquei de Barcelos.

ANDEBOL

Taça de Portugal (feminino)

1/4 de final — SCE, 19 — Benfica, 22

Juniores Masculinos

Camp. Regional — SCE, 21 — Salgueiros, 19

HÓQUEI EM CAMPO

Taça de Portugal — Viso, 3 — AAE, 0

HÓQUEI EM PATINS

Nacional de Juniores

Óquei de Barcelos, 1 — AAE, 28

VOLEIBOL

Iniciados Masculinos

Leixões, 0 — SCE, 3

AAE, 0 — Esmoriz, 3

Juvenis Masculinos

AAE, 3 — SCE, 0

Juniores Femininos

Liceu Carolina Michaelis, 3 — SCE, 0

Seniores Femininos

Esmoriz, 0 — SCE, 3

ARQ.º JERÓNIMO REIS, Um "bombeiro" que acode a todos os fogos

MV — O sr. Arquitecto não é de Espinho, pois não?

JR — Não, sou natural de S. Martinho de Argoncilhe, onde nasci a 5 de Julho de 1916. O meu Pai, no entanto, só me registou no dia 20 e assim poupou cinco tostões. Apesar de ter nascido fora de Espinho considero-me um verdadeiro espinhense, pois vim para aqui quando era ainda criança de colo. Quando acabei a minha licenciatura em Arquitectura, fui registar-me na Vila da Feira como arquitecto; nessa altura havia pouquíssimos arquitectos em todo o País e eles ficaram todos contentes a dizerem que finalmente tinham um arquitecto no concelho. Só que eu lhes disse: — «Não têm, não! Eu sou de Espinho e não saio de lá nem à força!». Posteriormente tive um contrato para ir para Lourenço Marques, a ganhar 15.000\$00 por mês, mas, apesar de só ganhar 1.500\$00 aqui em Espinho, preferi ficar. Gosto muito de Espinho, que é tudo, para mim.

MV — Mesmo sob o ponto de vista profissional nunca saiu de Espinho?

JR — Praticamente, trabalhei sempre em Espinho. Inicialmente tinha como «base» um «atelier» no Porto, junto com o meu colega Sequeira Braga. Posteriormente trabalhei com os arquitectos Lacerda Machado e Moreira da Costa (este ainda estudante). À parte isso tinha o meu escritório em Espinho, onde sempre me tenho mantido como base fixa.

Tenho inclusivamente um projecto de Cinema de Lisboa, mas o meu local de trabalho regular é na nossa terra.

MV — Uma das facetas da sua actividade é a de ser Presidente de metade de Espinho. Como é?

JR — Eu sou um grande entusiasta de Espinho. Custa-me ver morrer colectividades que têm prestígio e são úteis à terra, só por não haver quem queira tomar conta delas. Por isso não me custa nada ser presidente ou o que for preciso para que as coisas não acabem e sigam sempre em frente. Eu sou mau administrador dos meus próprios bens, mas sou bastante capaz a administrar os dos outros. Talvez seja essa a razão por que vêm tantas vezes ter comigo.

MV — O sr. é um Académico dos quatro costados...

JR — Sou Presidente honorário da AAE e estive quase para ir para presidente do Clube outra vez, para aquilo não fechar. Enquanto houver projectos válidos eles não podem morrer. É um pouco uma herança do Joaquim Moreira. Acho que a Associação Académica pode ter um papel muito importante na formação da Juventude, através do Desporto e não só. Acho que é possível atrair ao clube os jovens que por aí andam sem perspectivas e dar-lhes possibilidades de, por exemplo no Desporto, ocuparem de forma sábia os seus tempos livres. Não

sendo eu um saudosista, acho que na minha juventude havia mais camaradagem entre as pessoas e mais franqueza, divertindo-se a juventude de um modo diferente.

MV — Acha a juventude de hoje muito diferente da do seu tempo?

JR — Muito diferente, mesmo. Repito que não sou saudosista, mas no meu tempo, no capítulo da amizade e da camaradagem, era incomparável em relação aos dias de hoje. Toda a minha vida foi uma contínua brincadeira, mas a coisa era feita com dignidade; até nas nossas bebedeiras havia dignidade.

Hoje a juventude denota uma falta de imaginação confrangedora. Naquela altura, sem grandes meios técnicos, nós tínhamos os nossos divertimentos que até eram muito bem engendrados. Hoje, com todo o avanço tecnológico que há, nota-se grande falta de imaginação.

MV — Voltando à AAE,

Não é de Espinho, mas é como se fosse. Vivendo nesta terra há já largas décadas, é uma figura conhecida de todos os espinhenses, de todas as gerações. O seu amor a Espinho fez dele uma espécie de bombeiro que acode a todos os fogos, para

dar a sua contribuição na tarefa de defender a sua terra. Foi, ou é, presidente, director de numerosas colectividades locais; quando não há ninguém que queira o cargo, vai-se ter com ele, que ele não diz que não. É o Arquitecto Jerónimo Reis, claro.

como foi a grande luta pelo Pavilhão?

JR — Foi uma grande luta, mesmo. Sempre lutei para que Espinho tivesse um bom centro Académico. Eu frequentei um colégio e uma Escola Superior que nem retretes tinham. Nas aulas de «modelo vivo» era eu quem ia acender as lareiras para se aquecerem os modelos e muitos colegas meus acabaram por ficar tuberculosos e morreram por causa do maldito frio. Por tudo isto sempre desejei que Espinho tivesse um bom centro Académico. No início a AAE não tinha instalações próprias, jogava-se onde calhava: no velho ringue, ao ar livre, em Grijó num campo emprestado, para o hóquei em campo, etc.

Partiu-se então para o projecto do Pavilhão. Quanto havia no início? Oh! Apareceu então um Sr. que cedia o terreno, tendo o projecto inicial sido feito de molde a incluir o Pavilhão no meio de uma grande verdura; pelo meio lá se meteram umas casitas e assim tivemos o terreno de graça! Foi con-

tactada a Direcção Geral de Desportos que deu inicialmente 300 contos, mas com a condição de se fazer um recinto aberto. Quando o Director Geral viu que o pavilhão já estava a ser coberto ficou zangadíssimo por não se ter feito o que ele queria e disse que não dava mais dinheiro nenhum. No entanto, eu fui a Lisboa e falei com o César Baptista que era então Secretário de Estado do Turismo. Ele telefonou lá para o tal homem que ficou enfiadíssimo, lhe pediu um cartãozinho e acabou por mandar mais 400 contos.

Para além disto também a CME contribuiu com uns 100 contos dados às migalhas e a FNAT cedeu também 300 contos com a condição de usarem o Pavilhão uma vez por semana do que, felizmente, nunca se lembraram. Depois foram as rifas, as Janeiras, e tudo o mais que é costume lançar mão nestas circunstâncias. Foi duro mas acho que valeu a pena. Actualmente estão a ser colocados «Tacos móveis» que são o último

continua na página 6

TEATRO PARA CRIANÇAS

SÁBADO, ÀS 16,30 HORAS NO AUDITÓRIO NASCENTE

A PEÇA "Ilha das cores" COM ANIMAÇÃO DO TAI (Porto)

DE MANHÃ — ANIMAÇÃO NAS RUAS DE S. PEDRO E MARINHA

Bilhetes em distribuição na sede da Nascente, todos os dias das 15,30 às 19 horas

(NA 6.ª FEIRA, ESPECTÁCULOS PARA A ESCOLA PREPARATÓRIA)

ORG. CONJUNTA DA NASCENTE e da ESC. PREP. DE ESPINHO — APOIO DA CME

Nos últimos dias, as «bocas» ferverham nos «mentideros» espinhenses ligados ao desporto: «o SCE não jogará mais em S. João da Madeira», dizia-se. Estava em mira o facto de todos os jogos «em casa» dos «tigres» passarem a ser nas Antas. O que, diga-se desde já, não seria mau, tendo em conta o próximo jogo com o FCP, que faria o tesoureiro espinhense dar pulos de alegria... Mas, nada vai ser assim: podemos assegurar que, até que o Avenida esteja jogável, todos os encontros «em casa» do SCE, serão jogados em S. João da Madeira. Isto, ao que se diz, porque a Associação de Futebol de Aveiro não abriu mão dos 6% que vai buscar às receitas dos jogos «em casa» do seu único filiado na 1.ª divisão. Portanto, S. João da Madeira continua a ser, para já, o «solar dos tigres»!

o fechar

maré viva
ESPINHO

PORTE
PAGO



Camara Municipal de
ESPINHO